



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## O SENTIDO DA PRODUÇÃO MATERIAL E IMATERIAL NO SISTEMA CAPITALISTA

Danilo Bandeira dos Santos Cruz\*  
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida\*\*  
(UESB)

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é o de analisar como o sistema do capital tem se apropriado da educação Geográfica institucionalizada para produzir/reproduzir ideologias como mecanismo de afirmação das contradições próprias do seu metabolismo e como essa mesma Geografia pode se apresentar, de maneira contraditória, na produção da contraideologia.

**PALAVRAS-CHAVE:**Geografia. Memória. Ideologia. Educação.

### INTRODUÇÃO

O capital se configura em torno de uma dinâmica própria, incapaz de beneficiar todos os sujeitos, o que significa a afirmação da permanente lógica da desigualdade, na qual os conflitos entre as classes sociais são inevitáveis. Estes representam, sobretudo, o processo metabólico incorrigível do capital, no qual a classe detentora dos meios de produção se dispõe em posição complementar ao das classes que vivem da venda de sua força de trabalho. Ou seja, assim como é

---

\*\* Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Líder do GEILC/Museu Pedagógico da UESB; e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

inevitável a desigual distribuição da riqueza material entre os sujeitos, assim também são as contradições no âmbito da sociedade.

A perpetuação de todo esse regime contraditório do capital depende da afirmação do processo de agenciamento do modo de pensar e agir dos sujeitos que dele participam. Nesse sentido, cabe ao sistema do capital investir na produção de subjetividades – condicionada pela produção material objetiva que permite a imposição concreta das relações desiguais, do poder das classes – para que a realidade de contradição por ele produzida seja naturalizada. Esta configuração imposta aos sujeitos pelo jugo do capital promove a reprodução social: o que os sujeitos aprendem, repassam como forma de garantir a permanência de uma condição incorporada como verdadeira através da realidade objetiva que circunscreve todo o sujeito.

Assim, o trabalhador explorado precisa aceitar a sua condição e acreditar na sua inevitabilidade e na inviabilidade de qualquer outra forma de organização social que não esteja de acordo com os padrões vigentes. A ele cabe, aparentemente, o livre arbítrio no momento de escolha do seu patrão e o caminho do esforço e dedicação para que possa alcançar ascensão social, ou seja, o êxito ou o fracasso dependem exclusivamente da ação individual, como afirma Mance:

Ele [o sistema do capital] altera as noções de justo e injusto, responsabilizando cada pessoa por sua exclusão escondendo-lhe as causas estruturais deste processo. Assim, se alguém fica desempregado é porque não estudou o suficiente para trabalhar com as tecnologias mais complexas, sendo responsabilizado pelo seu próprio insucesso; se estuda e consegue emprego, o conseguiu porque estudou; se estuda e não consegue o emprego é porque não estudou o bastante. Essa ideologia, contudo, oculta o fato de que mesmo se todos estudassem o bastante, não haveria emprego para todos, pois não é a qualificação do trabalhador o que faz surgir postos de trabalho (1998, p. 22).

Portanto, o sistema do capital se manifesta nas diferentes áreas da vida social, sem as quais a sua existência não seria possível. Dentre essas diferentes



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

áreas, a da produção da subjetividade é de grande relevância. Ela é um poderoso instrumento de perpetuação do sistema, pois age na dinâmica constante de modelização do pensamento da sociedade, que será agenciado para aceitar a dinâmica social vigente como a única alternativa possível. O pensamento da sociedade será moldado para assumir posturas voltadas aos interesses da classe dominante. A atitude consumista, que leva milhões de pessoas aos mercados em busca de uma satisfação falseada; a aceitação da miséria como fruto do fracasso individual; o espírito individualista (competidor) que alcança a desarticulação das classes dominadas e o enfraquecimento das lutas em prol da transformação social são alguns dos exemplos resultantes do processo de produção-reprodução de subjetividade pelo capital, tão necessários à reprodução do seu metabolismo.

Toda essa construção ideológica é estruturada a partir de interpretações da realidade concreta feitas pelos sujeitos através do conjunto de sistemas determinados de ideias que os envolve. Neste caso, as condições materiais criadas pelos homens através da dinâmica de produção de suas condições de existência na forma da propriedade capitalista, engendram a produção e divulgação das formulações ideológicas e o agenciamento das ações e comportamento da sociedade no sentido da inversão da realidade e da consequente manutenção do *status quo* capitalista.

Ele [o capital] produz e reproduz conjuntos articulados de signos (*sistema de ideias*) a partir dos quais tudo pode ser transcodificado. Ele transforma qualquer coisa em valor de troca, até mesmo a afetividade e desgraças humanas [...], sendo capaz, inclusive, de modelizar todas as linhas de fuga ou de subversão, colocando tudo a serviço de sua reprodução (MANCE, 1998, p. 24).

É nesse mesmo sentido, de maneira paralela e complementar, que o movimento de produção mnêmica se estabelece. Os sujeitos incorporam, em seu cotidiano, maneiras determinadas de interpretação e de significação da realidade,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

as quais atuam na seleção e no modo pelo qual as lembranças vão sendo construídas, numa lógica derivada do sentido real, concreto, de construção coletiva da memória no âmbito das relações sociais. Sendo assim, se faz presente, em tal construção, o jogo de forças provenientes da luta de classes, no qual a preponderância e manutenção da memória se dá sob os interesses do capital.

Trata-se de uma via de produção e reprodução de versões consagradas dos acontecimentos. “O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia” (BOSI, 1994, p. 67). Assim, a construção da memória coletiva se dá através do movimento seletivo de imagens, lembranças, cujas alterações e adaptações se apoiam nas necessidades do tempo presente. A sociedade reflete a desigual relação de força entre os sujeitos e isto incide diretamente na construção mnêmica. É fato, portanto, que algumas memórias serão mais acentuadas em detrimento de outras. “Não é assim, por exemplo, que os estudantes negros ficam sabendo que a abolição foi um feito da Princesa Isabel? As lutas dos escravos estão sem registro e tudo que delas sabemos está registrado pelos senhores brancos” (CHAUÍ, 1980, p. 47). A ideologia produz e reproduz memórias cujo sentido é o de garantir a perpetuação das relações de dominação da classe dominante sobre a sociedade em geral. “Compreende-se por que a história ideologizada (aquela que aprendemos na escola e nos livros) seja sempre uma história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos” (CHAUÍ, 1980, p. 47). Diante disso, é possível afirmar que as formulações ideológicas são formas de memória social, na medida em que os grupos, a partir da permanente rotina material dos sujeitos, estabelecem o que deve ou não ser recordado. Ela (a memória) é tratada, “às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (BOSI, 1994, p. 64).

Isso evidencia a dinâmica educativa da sociedade do capital, enquanto sistema direcionador de interpretações estrategicamente elaboradas, cujo sentido



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

se encontra no condicionamento do modo de pensar e agir dos sujeitos. É assim que as respostas oferecidas aos problemas e reflexões do cotidiano são elaboradas de acordo às bases de fundamento da sociedade dentro da qual tais questões se apresentam. É desse modo que funcionam as mensagens ideológicas veiculadas no seio da sociedade, no sentido de agirem em favor da classe que as produz, nesse caso, a dominante, sempre mistificando a realidade, através de ideologias reprodutoras da ordem dominante. Isto, a partir da própria condição histórica do domínio social, ou seja, a produção das ideias se estabelece sobre elementos estruturais que envolvem a história da alienação do trabalhador no capitalismo.

Essa inversão do real ajuda a conduzir os sujeitos a uma naturalização da vida moldada sob as determinações do sistema vigente. É um mecanismo que acaba inscrevendo nos indivíduos a ideia da inviabilidade de outras formas de organização social, desconformes aos padrões estabelecidos pela dinâmica do capital. Isto significa que o sistema do capital precisa produzir e reproduzir ideologias como forma de garantir a sua perpetuação e ampliação. Sendo assim,

As ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época [...] A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual. A ideologia dominante representa, portanto, os valores da classe dominante em determinada época, no entanto, não o faz apresentando-os como interesses particulares e históricos de uma determinada classe, senão, como concepções gerais de toda a sociedade. Emprestando às mesmas a forma de universalidade e apresentando-as como as únicas racionais e universalmente válidas (MARX; ENGELS, 1987, p.72).

As sociedades estão impregnadas de ideologias – sejam elas percebidas ou não –as quais servem, intensamente, ao processo de produção da dinâmica de vida dos sujeitos, determinando padrões de condutas de tal modo que, “frequentemente não temos a mais leve suspeita de que fomos levados a aceitar, sem



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

questionamento, um determinado conjunto de valores ao qual se poderia opor uma posição alternativa bem fundamentada” (MÉSZÁROS, 2005, p. 58).

O próprio exercício de pensar e discorrer sobre a ideologia dominante passa por determinações racionais preestabelecidas, visto que a lógica do discurso dominante, representado pelos modelos científicos da sociedade liberal-conservadora, volta-se aos interesses da classe que ele representa. E como esta possui o controle de todas as instituições culturais, responsáveis pela reprodução do seu pensamento, qualquer outra forma apresentada para identificar os pressupostos ocultos afirmados implicitamente pela lógica dominante será incisivamente negada.

Existe um conflito latente no âmbito do debate ideológico entre os conservadores, usufruidores das vantagens de quem serve à classe dominante, a qual se afirma enquanto força legítima, e os pensadores críticos, para os quais resta a difícil tarefa de participar do debate com os seus argumentos facilmente relegados. Isto por serem considerados inadequados ao quadro já estabelecido pelos modelos científicos preponderantes, afirmados em nome da evocada “objetividade acadêmica”, cujos critérios são, mais uma vez, circularmente assumidos como padrões de avaliação evidentes por si mesmos (MÉSZÁROS, 2005, p. 58).

As concepções de Mézáros (2005) permitem perceber a existência de um sistema de dois pesos e duas medidas, dentro do qual a dinâmica social se estabelece, sempre expressando, mesmo que de maneira camuflada ou distorcida, as marcas dos desequilíbrios entre as classes. Os critérios aplicados pela classe detentora do poder não podem ser iguais aos aplicados à classe sob domínio, pois esta deve ser mantida, peremptoriamente, na subordinação. É por isso que quaisquer formulações contrárias aos pressupostos estabelecidos pela ordem hegemônica podem ter a sua lógica invertida através dos processos de produção ideológica em favor da perpetuação da ordem dominante.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Desta maneira, a produção ideológica passa, decisivamente, pelos arranjos estratégicos de poder, consolidados no seio das relações sociais, no sentido da perpetuação da desigualdade de forças entre os representantes da ordem vigente e os sujeitos críticos, que militam na luta por uma alternativa social. Portanto, as discussões apresentadas acerca da natureza da ideologia e da sua dinâmica reprodutiva podem identificar realidades invertidas, fruto do pensamento generalizante da classe (e, nesse contexto, fração de classe) que está no poder, mas, na mesma medida, estão sujeitas ao descarte em detrimento dos critérios intelectuais formatados pelos modelos acadêmicos da sociedade burguesa.

Assim, se consolidou o processo de formação das ciências, em particular, da ciência geográfica ao longo da história. Este ramo do conhecimento se afeiou com as claras marcas da ideologia dominante, quase sempre caracterizado por arcabouços teóricos desconformes com o conteúdo apresentado pela dinâmica espacial concreta. Foi dessa forma que a memória da ciência geográfica foi sendo construída na esfera acadêmica e reproduzida, de maneira mais ampla, ao longo de todo o sistema de ensino formal. Essa realidade de uso da Geografia pelos interesses de dominação capitalista teve a sua expressão mais evidente na estrutura política de países como Alemanha e França (século XVIII – XIX), se estendendo, mais tarde, de maneira contraditória, por outros Estados Nacionais.

A educação processada no seio das universidades, por exemplo, sempre contribuiu não somente para o plano de superação/transformação do sistema produtivo vigente, mas principalmente para a sua manutenção. Nessas instituições, apesar das contradições existentes, o que sempre preponderou foi a afirmação de uma dada concepção de mundo, construída de acordo com os interesses de dominação de uma determinada classe social sobre outra. Nelas (universidades) está presente a dinâmica de agenciamento do modo de pensar e agir dos sujeitos, por elas envolvidos direta ou indiretamente, evidenciando a construção de uma memória ideologizada. E a ciência geográfica teve (tem) amplo destaque nesse



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

processo, quer para formatar sentimentos patrióticos capazes de despertar as mais intensas reações, como o que se registrou com o projeto nazista da Alemanha, quer para afirmar a própria formação dos Estados Nacionais, ou quer para inverter os processos de desvelo da produção do espaço, a Geografia acadêmica – assim como os demais ramos do conhecimento – sempre esteve atrelada às prerrogativas político-econômicas da sociedade capitalista.

Então, o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido na esfera das instituições educacionais torna-se uma sequência intrincada dessas relações meramente reprodutivas, que servem, preponderantemente, para a consolidação de uma sociedade controlada, com possibilidades reduzidas de transformar coisa alguma. Este é o reflexo das práticas de boa parte dos professores universitários que não criam, resumem-se em apresentar ideias de outros pensadores, de maneira, muitas vezes, mecânica. O graduando que recebe essa lógica pueril repassa aos seus alunos, quando em seu exercício docente. Uma situação que não provoca questionamentos em nenhum dos níveis, mas sim a passividade generalizante.

Dessa maneira, cabe repensar a Geografia produzida nas universidades para se compreender a dinâmica de constituição dessa ciência como ferramenta intelectual de dominação e, ao mesmo tempo, de libertação das classes dominadas.

Os seres humanos ao longo de todo o processo de produção e reprodução das condições necessárias para a sua vida e sobrevivência, desenvolveram – e seguem na mesma via – os instrumentos de produção indispensáveis no processo de suprimento de suas necessidades reais (alimentação, vestimentas, abrigo, lazer, saúde, etc.). Deste modo, estabeleceram relações cada vez mais complexas entre si, chegando à divisão social e internacional do trabalho como estratégia de organização. A ampliação desta realidade alcançada com os avanços dos diferentes modos de produção se intensificou com a dinâmica capitalista, cujo sistema de reprodução, por ele criado para se perpetuar, alcança, em suas bases materiais, o





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

agenciamento da subjetividade através da inversão da realidade. Essa inversão é estabelecida pela própria atividade dos homens em sua luta diária e se manifestou mais incisivamente a partir da divisão social do trabalho. Com esta, houve o estranhamento, por parte dos sujeitos, da própria realidade por eles produzida.

Apesar de se tratar de um fenômeno cujos indícios remontam as primeiras sociedades humanas, a divisão social do trabalho se tornou mais evidente a partir do estratégico mecanismo de especializações definidas pelo industrialismo, que acabaram promovendo a ampla fragmentação do trabalho, levando a classe trabalhadora a perceber os produtos do seu labor (consequentemente toda a realidade material) de maneira invertida. Isto é, acabaram por tomar o fim (produto, aparência) como meio (processo), sendo incapazes de perceberem este último. Dessa forma, para se alcançar a compreensão da dinâmica de agenciamento do modo de pensar e agir, através do qual a sociedade se produz e reproduz aos moldes do sistema do capital, é preciso partir de pressupostos reais, isto é, da atividade e condições materiais de vida dos indivíduos, “tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação” (MARX; ENGELS, 1987, p.26). A atividade de percepção dessa realidade encontra no empírico a base necessária para a sua afirmação.

Essas condições materiais se desenvolvem concretamente, através do movimento incessante de criação de instrumentos indispensáveis para se suprir necessidades. São estas as responsáveis por determinar toda e qualquer ação humana. É com base nelas que os sujeitos agem, em relação com os outros elementos da natureza, realizando trabalho para garantir a sua satisfação. Dessa forma, os sujeitos estabelecem suas atividades de modificação do ambiente para produzir os seus meios de vida e, consequentemente, produzem a sua própria vida material. “O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm de reproduzir” (MARX; ENGELS, 1987, p.27).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Com o crescimento da população mundial, fica cada vez mais clara essa dinâmica de produção, que passa a depender diretamente dos intercâmbios entre os indivíduos, ampliando a força das relações de interdependência e cimentando as bases para o crescimento intensivo do protagonismo societário. Nesse ritmo, são criadas novas forças produtivas e, com isso, a divisão do trabalho também se intensifica.

A divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à separação entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, a separação da cidade e do campo e a oposição de seus interesses. Seu desenvolvimento ulterior leva à separação entre o trabalho comercial e o trabalho industrial (MARX; ENGELS, 1987, p.29).

Os diferentes processos de divisão do trabalho refletem as relações sociais historicamente estabelecidas, o modo de produção, o grau de desenvolvimento das forças produtivas e a própria formação dos sistemas de ideias consolidados em um dado período e sob o domínio de um grupo determinado, que detém os meios de produção da vida material e, por conseguinte, da espiritual. Mas, esse processo se estabelece de fato no momento em que a sociedade alcança um grau de desenvolvimento de forças produtivas, cuja organização passa a exigir a separação entre o trabalho intelectual e o manual. A partir de tal momento, criam-se as bases concretas para o surgimento de concepções distorcidas da realidade (MARX; ENGELS, 1987).

Essa dicotomia entre trabalho manual e intelectual se estabelece e se aprofunda a partir do desenvolvimento da divisão do trabalho, pelo fato de tal divisão se materializar como distribuição de atividades desiguais entre homens, também, desiguais, que compartilham distintos produtos: “Além do mais, com a divisão do trabalho é dada ao mesmo tempo a contradição entre o interesse do indivíduo ou da família singulares e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si” (MARX; ENGELS, 1987, p. 46-47).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Nessa via dinâmica de interesses divergentes, o Estado, de modo geral, passa a assumir um papel fundamental de pretensão representante de uma vontade coletiva que se sobrepõe àquela encontrada em cada indivíduo, estabelecendo como ideal de justiça o objetivo de se defender o bem comum. Acontece que, numa sociedade organizada em classes, existe uma que se dispõe como dominante e que detém o poder político, responsável por generalizar os seus interesses particulares, tornando todo o que é, de fato, apenas parte. Dessa maneira, o ponto de vista parcial dos grupos dominantes se consolida e, ao mesmo tempo, intensifica o embate entre a vontade particular e a coletiva. Esta última passa a assumir, portanto, uma forma estranha aos indivíduos. Uma força preponderante que determina o ordenamento social sob os moldes da propriedade privada, indiferente à vontade individual.

Assim, através de relações reais de produção das condições de vida, os homens entram em contato entre si, estabelecendo um ordenamento capaz de promover a distribuição desigual de tarefas como manifestação, num estágio mais complexo de desenvolvimento, da indispensável busca pela superação de suas necessidades. E esse processo acaba tomando uma dimensão que foge ao controle dos próprios sujeitos que dele participam. A realidade, assim produzida, passa a se manifestar de maneira invertida, levando os criadores ao estranhamento de sua própria criação e, conseqüentemente, à representação distorcida do mundo real.

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste justamente em “tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando, na verdade, é essa realidade que torna compreensivas as ideias elaboradas” (CHAUÍ, 1980, p. 7). Dessa maneira, os significados das “coisas” estão submetidos às relações sociais materiais e concretas. Eles são explicados pela realidade material, construtos sociais, frutos de agentes de determinados tempo e espaço. O real é um processo, um movimento temporal, histórico, de constituição dos seres e de suas significações. No âmbito



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

desse processo, a realidade se constitui na dinâmica de vida dos sujeitos em seu cotidiano, pois a regularidade, as repetições e as evidências, mantidas pelo ritmo comum da vida humana, acabam cunhando a consciência dos indivíduos de modo a tornar independente e natural o caráter dos fenômenos sociais e isto constitui o mundo da *pseudoconcreticidade*, da ideologia. É um claro-escuro de verdade e engano (KOSIK, 1976, pg. 11).

Sendo assim, o caráter ideológico se configura enquanto conjunto de condutas, valores e normas consolidados na dinâmica de vida das pessoas dentro de um determinado tempo/espço. Trata-se da existência concreta de modos específicos de vivência e convivência dos sujeitos, que se mantêm “coesos” na estrutura social estabelecida. A ideologia age, assim, como base da estrutura social, legitimando o aparato cultural historicamente cristalizado e, portanto, reafirmando o poder político e sua organização.

Nesse sentido, enquanto elemento estruturante da atividade humana, a ideologia não deve ser analisada, exclusivamente, em suas manifestações subjetivas, desvinculada da realidade objetiva, concreta. Ela se adere à dinâmica social como processo único, no qual a consciência dos sujeitos se integra à sua *práxis* social. Não é possível admitir, portanto, as dicotomias referendadas no seio das ciências sociais: teoria e prática, pensadores e trabalhadores. Estes últimos, por mais alienados que sejam em suas atividades de trabalho, desenvolvem alguma atividade intelectual, longe de sua profissão, seja como filósofo, poeta, escultor, músico, entre outros. São, sem dúvidas, criadores, intelectuais. Em outras palavras, a alienação existe, mas não é um processo inerente à condição humana daqueles que trabalham, mas uma estrutura que condiciona a reprodução do sistema, estabelecido como construto social.

As instituições educacionais – mas não só estas – se encarregam de transmitir os valores, costumes e modelos pré-formatados de leitura, interpretação e representação do mundo, voltados aos interesses da classe dominante ou do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sistema do capital. Sendo assim, tais instituições são constituídas como verdadeiras indústrias produtoras e reprodutoras ideológicas da classe trabalhadora, bem como dos padrões de vida contraditórios estabelecidos pela ordem burguesa e naturalizadamente configurados no cotidiano social. Isto acontece porque, para que o sistema produtivo do capital se perpetue, é necessário difundir um sistema determinado de valores no sentido de se aceitar que todos são iguais perante a lei, isto é, trata-se da lógica indispensável de se estabelecer um sistema de ideias que reafirme perenemente esses valores na mente dos indivíduos (MESZÁROS, 2005). A presente educação se afirma na dinâmica social, através da sua essencial tarefa de regular comportamentos e direcioná-los no sentido da adequação à realidade produzida pela lógica do capital. Dessa maneira, as instituições responsáveis pela produção-reprodução do conjunto de conhecimentos desenvolvidos historicamente pelas sociedades, desempenham tal função a partir de concepções determinadas e, em geral, distorcidas, fruto da desigual relação entre os sujeitos.

Dessa forma, servir à lógica dos mercados, através da reprodução ideológica da classe trabalhadora e da formação de intelectuais responsáveis pela difusão do sistema de ideias consolidado, tem se constituído base elementar da educação institucionalizada, em especial, a de nível superior, cuja legitimidade e importância junto à sociedade têm contribuído no processo de produção (e reprodução) ideológica e, com isso, ratificado seu papel deturpador, em muitos casos, do conhecimento da realidade empírica.

Nesse sentido, Mézáros denuncia a história oficial, revelando a clara associação de tal ramo do conhecimento com os interesses específicos da classe dominante, a qual, através do controle que exerce sobre todo sistema de ideias, manipula e distorce os fatos transcorridos ao longo do tempo: “Reescrita e propagandeada de uma forma ainda mais distorcida, não só nos órgãos que em larga escala formam a opinião política, desde os jornais de grande tiragem às



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

emissoras de rádio e de televisão, mas até nas supostamente objetivas teorias acadêmicas” (MESZÁROS, 2005, p. 37).

Não há dúvidas de que, para se alcançar a compreensão da intensa realidade de transformações que se manifestam na expressa via da educação institucionalizada, é imprescindível partir de pressupostos reais, percebidos à luz da dinâmica histórica produzida permanentemente pelos homens em sua luta cotidiana pela manutenção de suas próprias vidas. Tal luta não se realiza em igualdade de condições, mas, longe disto, ela é tecida através das contraditórias e desiguais relações sociais, as quais se manifestam em todas as esferas. Nas instituições de ensino, inclusive nas universidades, que nada mais são do que produto de tais contradições se desenrola o processo preponderante, mas não único, de reprodução dessas relações de dominação historicamente estabelecidas.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. *QuadernidelCarcere*. Edição crítica do Instituto Gramsci, org. Valentino Gerratana. Torino: Ed. Einaudi, 1977.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MANCE, Euclides André. “Realidade Virtual - A conversibilidade dos signos em Capital e Poder Político”. *Net*, Rio de Janeiro, Junho. 1998. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/mance/real.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.
- MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.
- MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.